

Quando paro e penso em tecnologia, não sei bem como comecei a aprender a usar.

Lembro-me de ser bem pequena e lá em casa já ter um computador. Não como os de hoje. Não tinha mouse. Era tudo feito por comandos de digitação. Mas eu não era alfabetizada ainda! Então dependia do meu irmão para abrir os jogos no “MSX”. E sempre jogava videogames. Com meu irmão, vizinhos ou até sozinha.

Quando adolescente eu gostava muito de usar a internet, que era discada. Esperava os finais de semana para poder entrar. Era uma época de “bate papo uol”, ICQ, fóruns de discussão, e blogs.

Como amava escrever, eu aprendi, sozinha, um básico da linguagem HTML, para criar blogs mais legais.

Tive aulas de informática da 5ª série até a 8ª (ainda não existia 9º ano). Mas eram aulas ensinando o básico, como pacote office ou navegadores de internet, que eu já sabia usar bem.

A minha geração tinha muito disso. Aprender “mexendo”. E foi assim com aplicativos quando veio essa nova realidade de tecnologias. Sempre que me deparo com algo novo, vou mexendo até descobrir. Felizmente hoje existem saídas mais fáceis. Quando algo está muito difícil, temos o santo Google e vários vídeos no YouTube ensinando o passo a passo de tudo que puder imaginar.

Como professora eu não consegui ficar distante das tecnologias. Sempre incentivei que alunos usassem e tentava trazê-las para sala de aula. E ano passado consegui realizar um delicioso projeto de criação de stop motion com os alunos. Aprendi a usar a técnica em uma oficina feita durante o curso de pós graduação em Residência Docente e levei para minha turma de ensino fundamental. O resultado foi satisfatório e pretendo incluir no planejamento dos próximos anos.

Atualmente, com as aulas à distância, tenho usado o Google Classroom, além das redes sociais, para manter o contato com meus estudantes. Apesar das limitações, está sendo uma experiência boa. Estou aprendendo novas formas de ensinar e percebendo que algumas coisas poderão ficar após esse tempo de confinamento.